

ALCAIDARIAS DOS CASTELOS DURANTE A REGÊNCIA DO INFANTE D. PEDRO

por **Humberto Baquero Moreno**

Em 1983 apresentámos ao II Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses um estudo sobre os castelos portugueses no período de um século compreendido entre 1350-1450, em que procedemos ao levantamento das fortalezas existentes no nosso território, recorrendo para o efeito à recolha de todos os elementos documentais, tanto nos arquivos como nas fontes impressas, que nos permitisse elaborar uma carta contemplando a rede castelológica nacional¹.

A rede que então apresentámos aparece constituída por 162 castelos, correspondendo a sua distribuição às áreas territoriais, designadas por comarcas, que vigoravam no Portugal quatrocentista. Ao analisarmos a região de Entre-Douro-e-Minho verificámos que a mesma era protegida por um conjunto de 20 castelos, com particular incidência sobre a raia que corre o rio Minho, a qual separa o alto Minho do território de Pontevedra. Outros núcleos acastelados guarneciam esta área, a mais antiga e a mais povoada do território português. Uma ressalva deve ser feita ao mapa que então elaborámos. O caso de Ponte de Lima que considerámos como castelo indevidamente. De facto, conforme nos revela Fernão Lopes, a vila não tinha castelo, estimando-se que a sua edificação apenas seja

¹ *Os castelos portugueses (1350-1459)* in «Livro do Segundo Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses», Lisboa, 1984, pp. 113-117.

posterior a 1464². Segundo o mencionado cronista, Ponte de Lima «tem hũa grande e fermosa ponte, comprida e espaçosa de muitos piares e por azo de hũu rio que chamão Lima, que corre jumto com ela. Doze torres que ha no logar erão todas muradas e forneçadas do que compria, e gemtes pelo muro sempre, que nunca se dele partião salvo de noute. E totalas portas estavão cerradas com pedra, senão a da ponte por omde se servião, tendo muitos mantimentos, e bem seguros de nenhũu comtrairo que lhe avir podese»³.

No mapa dos castelos para a segunda metade do século XV não existe qualquer referência ao castelo de Neiva, junto à foz desse rio, não havendo notícia da titularidade de um alcaide durante a regência do Infante D. Pedro (1439-1448). Estaria este castelo desactivado e em ruínas em meados do século XV? Sabe-se, contudo, que em 1385 era um poderoso castelo, que foi ocupado pelas tropas de D. Nuno Álvares Pereira. Fernão Lopes diz-nos que «cheguram hũu dia a oras de vespora a par de hũu logar que chamão Neyva, que são sete leguoas do Porto, castelo mui forte e bem defemdente, que tinha voz por Castela, no quoall estava por alcaide hũu gemrro de Lopo Gomez de Lira», o qual veio a ser morto em combate por um virotão que lhe entrou pela «visagem do bacinete». Tomado o castelo foi «roubado de bestas e dinheiros e roupas e alfayas e outras muitas cousas que em elle estavão, e leixou ho Comde por guoardar delle Pero Afonso do Casall com çertos homeens darmas e de pee»⁴.

Em relação à região de Trás-os-Montes assinalei a existência de 19 castelos, cuja localização permitia uma defesa da fronteira muito eficaz. Considerável era contudo a rede de castelos que se concentrava na Beira Interior cuja totalidade atingia o número de 33 fortalezas.

Uma zona rarefeita correspondia à região da Estremadura (pertencente actualmente dum modo genérico à Beira Litoral), onde entre o Porto e Coimbra apenas despontavam os castelos de Gaia e da Feira, e mesmo o primeiro destruído durante a crise de 1383-1385. Verificaram-se estes acontecimentos quando o seu alcaide Aires Gonçalves de Figueiredo se encontrava com o Mestre de Avis (futuro D. João I) em

² Veja-se sobre o assunto o artigo de Amélia Aguiar Andrade, *Ponte de Lima* in «Atlas das Cidades Medievais Portuguesas», coordenação de A. H. de Oliveira Marques et alii, Lisboa, 1990, pp. 19-22. Também este historiador em *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, in «Nova História de Portugal», Lisboa, 1987, p. 347, incorreu no mesmo erro ao admitir para meados e finais do século XIV a existência desse castelo.

³ *Crónica de D. João I*, ed. Civilização, vol. II, Barcelos, 1983, cap. XIV, p. 32.

⁴ *Ibidem*, Cap. IV, pp. 14-15.

campanha na área de Torres Vedras, entre Dezembro de 1384 e meados de Fevereiro do ano seguinte. Em representação do alcaide encontrava-se sua mulher Leonor Pereira, acompanhada de escudeiros e homens de pé. Tanto ela como a guarnição exerciam retaliações sobre os lugares circundantes de Gaia, Gaia Pequena e Vila Nova, a ponto de as populações os considerarem piores que os partidários de Castela. Ao recusarem fornecimento de mantimentos à guarnição, resolveu a mulher do alcaide ir buscar uns quantos e trazê-los como reféns. Revoltados os vizinhos do Porto vieram em tropel, com a ideia de tirarem deforço, e arrasaram a muralha e as torres do castelo, deitando tudo por terra. É natural que tivessem poupado a vida da alcaidesa e dos seus homens, depois de lhes terem aplicado o devido correctivo. De pouco valeram as queixas de Aires Gonçalves de Figueiredo ao Mestre de Avis, cujas promessas de reedificação do castelo nunca foram cumpridas⁵.

Em contraponto com a escassez de castelos entre o baixo Douro e o baixo Mondego, impressiona observar que entre Coimbra e Lisboa existiam 29 castelos, implantados com o fim de garantir a defesa da capital em caso de invasão. Naturalmente que esta rede foi sofrendo alterações, sobretudo a partir do segundo terço do século XV, quando a tecnologia militar os tornou obsoletos, conforme veremos mais adiante. Por outro lado as sucessivas guerras que o País atravessou desde que o rei de Castela Henrique II invadiu Portugal em 1372 e que se prolongaram até ao século XV muito contribuíram para desgastar inúmeros castelos, alguns deles definitivamente feridos de morte. Apesar dos esforços realizados a diminuição de estas fortalezas acentua-se desde a paz de 1411, o que levou o infante D. Pedro na carta escrita a seu irmão D. Duarte, em 1426, a declarar que a soberania do reino assentava fundamentalmente na reparação das fortalezas e na manutenção de um dispositivo de segurança⁶.

Em Setúbal e na costa alentejana a Ordem de Santiago detinha a posse de seis castelos (Palmela, Almada, Sezimbra, Alcácer, Santiago e Odemira), mas não tardaria que em termos operacionais esta rede ficasse reduzida a metade com a manutenção das guarnições de Palmela, Alcácer e Santiago⁷.

⁵ Sobre este assunto veja-se o meu artigo *O julgado de Gaia e os seus homens no reinado de D. João I*, in revista «Gaya», vol. II, 1984, pp. 1611-173.

⁶ *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte*, (Livro da Cartusa), ed. João Alves Dias, Lisboa, 1986, p. 33.

⁷ Atendendo ao facto das alcaidarias dos castelos da Ordem de Santiago se encontrarem adstritas ao Mestre da Ordem poucas ou nenhuma vez aparecem referidas na documentação da chancelaria, motivo por que essa omissão também se verifica no mapa elaborado por Oliveira Marques.

Atendendo a que todo o Alentejo era uma região extremamente vulnerável, dada a circunstância duma parte do terreno ser plano, exceptuando a região de Portalegre, assentavam no seu solo 34 castelos, dos quais 12, Marvão, Alter Pedroso, Seda, Avis, Cabeço de Vide, Fronteira, Veiros, Elvas, Alandroal, Mourão, Moudar e Serpa, pertenciam à Ordem de Avis, com forte implantação na raia do alto Alentejo. De notar contudo que durante o governo do Condestável D. Pedro apenas cinco desses castelos revelam actividade nas suas alcaidarias, o que sucede com Marvão, Elvas, Alandroal, Moura e Serpa, cujos alcaides se conhecem, o mesmo não se pode afirmar dos restantes sete, acima referidos, cuja operacionalidade se apresenta completamente apagada, se exceptuarmos Avis como cabeça da ordem⁸.

Assinale-se que no mapa de Oliveira Marques para a segunda metade do século XIV também não vem assinalados esses castelos, incluindo o Alandroal cuja alcaidaria no tempo do infante D. Pedro é conhecida, exceptuando-se Noudar, mencionado no mesmo, mas que deveria encontrar-se bastante arruinado no século XV⁹. Essa fortaleza foi mandada erigir pelo rei D. Dinis em 1295, mas sofreu imensas vicissitudes devido às guerras que assolaram o reino nos últimos trinta anos do século XIV¹⁰.

A rede defensiva situada ao longo da orla algarvia era constituída por doze castelos, vindo porém alguns deles a desaparecer ou mesmo perder importância estratégica em meados do século XV, tal como sucede com o Alvor, Porches e Albufeira. Outros como Lagos, cuja importância aumenta na segunda metade do século XV, Silves, Loulé, Faro, Tavira e Castro Marim conservam a sua utilidade durante o período quatrocentista.

Ao comprovarmos o mapa por mim elaborado, para um período de um século, com o de Oliveira Marques, que segundo o autor apenas utilizou os documentos da Chancelaria de D. Pedro I¹¹ e um artigo de

⁸ Sobre esta questão escrevi o artigo *Cartas de preito e menagem apresentadas pelos alcaides dos castelos fronteiriços do Alentejo, pertencentes à Ordem de Avis, ao — Condestável D. Pedro (1448-1449)* in revista «Gaya», Vila Nova de Gaia, vol. III, 1985, pp. 137-144.

⁹ A. H. de Oliveira Marques, *Portugal na crise...* p. 347.

¹⁰ Augusto de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI, Lisboa, 1875, pp. 102-103. Noudar deve ter sido o primeiro couto régio de homiziados instituído em Portugal pelo rei D. Dinis, em 16 de Janeiro de 1308, encontrando-se a localidade praticamente despovoada conforme reza um documento de 4 de Agosto de 1406 (Humberto Baquero Moreno, *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI*, Lisboa, 1986, p. 101.

¹¹ *Chancelarias Portuguesas*, ed. INIC, Lisboa, 1984.

Maria José Ferro Tavares¹², observa-se uma redução considerável do número de castelos em actividade, que desce de 162 para 94, o que significa uma quebra na ordem dos 40%, que no fundo não deverá ser tão acentuada se atendermos ao carácter limitado das fontes utilizadas por aquele historiador que para ter uma visão mais completa poderia ter recorrido às restantes chancelarias por mim utilizadas no mencionado trabalho¹³.

Em conformidade com o autor citado a repartição dos castelos pelas comarcas ou correições do País obedece aos seguintes valores numéricos: Entre-Douro-e-Minho — 17 (valor que deverá passar para 16 atendendo à inexistência do castelo de Ponte de Lima); Trás-os-Montes — 13; Beira — 20; Estremadura — 15; Alentejo 25 e Algarve — 7¹⁴.

O estudo das alcaldarias durante e após a regência do Infante D. Pedro obedeceu a um longo percurso de investigação efectuada no decurso de cinco anos com a finalidade de redigir a minha dissertação de doutoramento¹⁵.

A leitura de toda a documentação dos 38 volumes da Chancelaria de D. Afonso V e ainda da totalidade dos volumes da Leitura Nova permite-nos ter uma visão mais completa em relação à funcionalidade dos castelos durante o governo de regente. O número de alcaldarias com titulares conhecidos é de 67, faltando contudo acrescentar a estas a quase totalidade das de Ordem de Santiago, sediadas em Setúbal e no litoral alentejano.

Neste conjunto de castelos o mapa de Oliveira Marques não menciona as fortalezas de Alandroal, Alcobaça, Alfeizarão, Amieira, Atouguia, Belmonte, Crato, Flor da Rosa, Lousã, Monforte de Rio Livre, Penela, Pombal, Redondo e Tomar, o que totaliza 14 castelos que se encontravam em funcionamento no século XV e cuja origem comprovadamente na quasi totalidade dos casos remonta ao século XIV ou mesmo à época anteriores como é o caso de Pombal, cujo castelo foi mandado erigir por D. Gualdim Pais, mestre dos Templários, por volta de 1181, tendo-lhe sido a doação do local feita pelo rei D. Afonso Henriques com a condição de edificar uma fortaleza no local mais

¹² *A nobreza no reinado de D. Fernando e a sua actuação em 1383-1385*, in «Revista de História Económica e Social», n.º 12, Lisboa, 1983, pp. 88-89.

¹³ *Os castelos portugueses...* e sobretudo o mapa de conjunto a pp. 114.

¹⁴ A. H. de Oliveira Marques, *ob. cit.*, p. 346.

¹⁵ A batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico, Lourenço Marques 1973. Existe uma segunda edição feita pela Universidade de Coimbra em 2 volumes editados em 1979-1980, estando ambas esgotadas.

apropriado. Parece que o rei D. Manuel mandou reedificar o castelo na medida em que as armas da Cruz de Cristo encimam a porta principal¹⁶.

Através da conjugação das alcaidarias tituladas durante a regência de D. Pedro (1439-1448) e o mapa dos castelos de Oliveira Marques, número este acrescido de 4 castelos, aos que se deverão subtrair na primeira metade do século XV o de Ponte de Lima e o de Gaia, a distribuição dos mesmos, na totalidade de III (se nos lembrarmos que Évora possuía três castelos), deverá corresponder em termos reais à globalidade do território, em conformidade com o mapa apresentado.

Assim, um conjunto geral dá-nos a repartição que se segue: no Entre-Douro-e-Minho funcionavam em condições logísticas 15 castelos; na região de Trás-os-Montes esse número descia para 13 castelos. A forte concentração de fortalezas por toda a Beira raiana traduzia-se em 22 castelos. Por seu turno a vasta região alentejana, possuía 35 castelos, se considerarmos nesse número a totalidade dos que se situavam ao sul da linha do Tejo. O Algarve compreendia no seu todo 7 castelos aptos a funcionar no século XV. Por último a Estremadura, que nessa época se estendia desde a linha do Douro litoral até ao baixo Tejo integrava no seu solo 20 castelos.

Comparando por fim o mapa que elaborei em 1983 em que nos aparecem 162 castelos com a actual, em que o número desce para 112, a redução em 50 castelos deverá atribuir-se ao facto de apesar da sua existência estar comprovada através da documentação, essa meia centena estaria inoperacional por razões de desgaste temporal, devido à incúria dos homens e às terríveis guerras que assolaram o País durante as três últimas décadas de trezentos, cujos efeitos muito contribuíram para a desactivação dessas fortalezas.

Em Portugal impõe-se através do recurso à rica documentação existente sobretudo nas chancelarias régias, proceder a estudos individualizados que permitam acompanhar as vicissitudes de cada dum dos castelos desde a sua edificação ao seu eventual desaparecimento ou reconstrução.

¹⁶ Augusto de Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VII, Lisboa, 1876, pp. 128-129.

ALCAIDES DOS CASTELOS

Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Abrantes	Diogo Fernandes de Almeida, rico-homem	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 11 fol. 78
Alandroal	D. Frei Garcia Rodrigues de Sequeira, comendador-mor de Avis ¹⁷	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 10. fol. 68
Alcobaça	Fernando Afonso ¹⁸	?	A.N.T.T., <i>Livro 8 de Estremadura</i> fols. 260-260 v
Alenquer	Nuno de Góis, cavaleiro	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 5, fol. 41 e livro 15, fol. 114 v
Alfeizerão	João Afonso, em representação do Abade de Alcobaça	?	A.N.T.T., Collecção Especial, 1.ª parte, caixa 35, n.º 38
Almeida	Pero Peixoto, cavaleiro da casa do Infante D. Henrique	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 2, fol. 101 v; <i>Monumenta Henricina</i> , vol. VII, Coimbra, 1965, doc. 163, pp. 247-248.
Amieira	João de Ataíde, Prior do Crato	O mesmo	<i>Monumenta Henricina</i> , vol. IX, Coimbra, 1968, doc. 202 pp. 236-331
Arronches	Álvaro de Sousa, cavaleiro-fidalgo da casa do rei e seu mordomo-mor	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 9, fls. 3 v-4
Atouguia	Álvaro Gonçalves de Ataíde, fidalgo, governador da casa do Infante D. Pedro e aio de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 12, fol. 7; Livro 3 de Místicos, fols. 11-110 v e 285 v
Beja	D. Duarte de Meneses, fidalgo, Conde de Viana	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 20, fol. 117 e livro 36, fol. 10 v; <i>Livro 4 de Odiana</i> , fol. 267 v e <i>Livro 10 de Estremadura</i> , fols. 299-299 v

¹⁷ Apesar de depender do Condestável D. Pedro, mostrou-se leal ao rei, quando da campanha encetada por D. Sancho de Noronha contra os castelos do Mestrado de Avis.

¹⁸ Quando o Infante D. Pedro passou com a sua hoste por Alcobaça, deixou no seu castelo por alcaide Fernando Afonso, vassallo do rei, morador em Maiorga, o qual veio mais tarde a sofrer as consequências do seu acto, ao serem-lhe confiscados os bens (Ibidem).

Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Belmonte	Fernão Cabral, cavaleiro-fidalgo	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 16, fol. 144 v
Braga	Afonso Pimenta, criado do Arcebispo de Braga e vassalo do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 3, fol. 87; livro 18, fols. 7-7 v e livro 20, fol. 52
Bragança	Pedro de Sousa, fidalgo da casa do Duque de Bragança	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 3 de Além-Douro</i> , fols. 28 v-29
Campo Maior	Rui Gomes da Silva, fidalgo, membro do conselho de D. Afonso V	O mesmo	Anselmo Braamcamp Freire, <i>Brasões da Sala de Sintra</i> , livro II, Coimbra, 1927, pp. 15 e segs.
Castelo Mendo	Galiote Pereira, fidalgo da casa do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 15, fol. 150; <i>Livro 2 da Beira</i> , fols. 128-128 v; <i>Livro 5 de Odiana</i> , fols. 286-286 v
Castelo Rodrigo	João de Gouveia, cavaleiro da casa do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 18, fol. 73 v e livro 34, fol. 140
Castelo de Vide	Vasco Martins de Melo, cavaleiro da casa do rei ¹⁹	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 27, fols. 14-14 v e livro 36, fol. 86
Chaves	Duque de Bragança	O mesmo	D. António Caetano de Sousa <i>História Genealógica</i> , tomo III, 2.ª parte, doc. 13, pp. 49-54
Crato	João de Ataíde, Prior do Crato	O mesmo	<i>Monumenta Henricina</i> , vol. XI, Coimbra, 1970, doc. 202, pp. 326-331
Celorico de Basto	Fernão Coutinho, cavaleiro da casa do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 4 de Além-Douro</i> , fols. 163 v-164 v
Coimbra	D. Álvaro Gonçalves de Ataíde, Conde de Atouguia ²⁰	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 8 de Estremadura</i> , fol. 225 v; <i>Livro 3 de Místicos</i> , fol. 117

¹⁹ A alcaidaria deste castelo encontrava-se em poder do Condestável D. Pedro na altura em que o Conde de Odemira iniciou a sua campanha militar. Pertencia, no entanto, a mesma a Vasco Martins de Melo, que esteve junto do rei em Santarém (Gaspar Dias de Landim, *ob. cit.*, livro III, cap. XIX, pp. 78-79).

²⁰ Estava confiada a alcaidaria do castelo de Coimbra a D. Álvaro Gonçalves de Ataíde, não obstante se encontrar ausente do mesmo e junto do rei. Na realidade, o alcaide era o Infante D. Pedro, visto que o titular aderira ao partido contrário.

Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Elvas	Fernão de Abreu, cavaleiro e membro do conselho da casa do Condestável D. Pedro ²¹	?	A.N.T.T., <i>Ordem de Avis</i> , n.º 704, fol. 3 v
Estremoz	D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 12, fol. 55 e livro 23, fol. 109; <i>Livro 3 de Místicos</i> , fols. 126-127
Évora (castelo da cidade)	Vasco Martins de Melo, cavaleiro da casa do rei e membro do seu conselho	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 36, fol. 74
Évora (castelo velho de)	Martim Afonso de Melo, cavaleiro, fidalgo e membro do conselho do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 5, fol. 32 v; <i>Livro 3 de Odiana</i> , fols. 229 e 290-290 v
Évora (castelo do termo de)	?	Álvaro Vieira, escudeiro da casa do rei	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34 fol. 63 v
Faro	Gonçalo Nunes Barreto, cavaleiro da casa do Infante D. Pedro	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 4 de Odiana</i> , fols. 259 v-260
Feira	Fernão Pereira, cavaleiro-fidalgo	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 1 de Estremadura</i> , fols. 81 v-83; <i>Livro 13 de Estremadura</i> , fols. 105-106 v; Anselmo Braamcamp Freire, <i>ob. cit.</i> , livro I, Coimbra, 1921, p. 311
Flor da Rosa	João de Ataíde, Prior do Crato	O mesmo	<i>Monumenta Henricina</i> , vol. IX, Coimbra, 1986, doc. 202, pp. 326-331
Guarda	Diogo Soares de Albergaria, cavaleiro-fidalgo, membro do conselho do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Ordem de Avis</i> , n.º 704, fol. 2; <i>Ch. de D. Afonso V</i> , livro 13, fol. 159
Lagos	Soeiro da Costa, fidalgo	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 12, fol. 12 e livro 18, fol. 46 v
Lamego	Vasco Fernandes Coutinho, Conde de Marialva	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 15, fol. 83

²¹ Este castelo foi tomado pelo Conde de Odemira na campanha que precedeu Alfarrobeira (Gaspar Dias de Landim, *ob. cit.*, livro III, cap. XIX, pp. 78-79).

Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Leiria	Martim Mendes Berredo, cavaleiro-fidalgo ²²	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 23, fol. 3 v; Ruy de Pina, <i>Chronica do Senhor Rey D. Afonso V</i> , tomo I, Lisboa, 1790, cap. CXVI, p. 412
Lisboa	Álvaro Vasques de Almada, Conde de Avranches ²³	Galiote Pereira fidalgo da casa de D. Afonso V	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 20, fol. 85 v; A.H.C.M.L., <i>Livro dos Pregos</i> , fol. 25
Lousã	João Gonçalves da Lousã, em representação do Infante D. Pedro ²⁴	D. Frei Pedro de Góis, Comendador da Santa Vera Cruz	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34, fol. 102 v
Marvão	Artur Gonçalves, escudeiro da casa do Condestável D. Pedro, em sua representação ²⁵	Pedro Caldeira, cavaleiro da casa do rei	A.N.T.T., <i>Livro 2 de Legitimações</i> , fols. 211-212; Ruy de Pina, <i>ob. cit.</i> , cap. CVIII, p. 397
Miranda do Douro	Álvaro Pires de Távora, cavaleiro da casa do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 2 de Além-Douro</i> , fols. 11 v-12
Mogadouro	Álvaro Pires de Távora, cavaleiro da casa do rei	O mesmo	Fernan Perez de Guzman, <i>Crónica del rey Dom Juan el Segundo</i> , Madrid, 1953, cap. IV, p. 663
Monforte	João Jusarte	?	A.N.T.T., <i>Gaveta II</i> , maço 1, n.º 9; <i>Ch. de D. Afonso V</i> , livro 20, fol. 125 v
Monforte do Rio Livre	Álvaro Gonçalves de Ataíde, governador da casa do Infante D. Pedro e aio de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 19, fol. 85 v e livro 34, fols. 168-168 v; <i>Livro 3 de Místicos</i> , fol. 92 v

²² Foi enviado pelo rei como fronteiro do castelo de Leiria escassas semanas antes de Alfarrobeira (Ruy de Pina, *ob. cit.*, cap. CXVI, p. 412).

²³ D. Afonso V exonerou-o das funções de alcaide do castelo de Lisboa ao nomear por carta régia de 10 de Dezembro de 1448 a Galiote Pereira (A.H.C.M.L., *Livro dos Pregos*, fol. 25).

²⁴ Sofreu confiscação dos seus bens «por estar no castello de Lousaa pelo Ifante Dom Pedro em nosso deseruiço». Seu filho Francisco Eanes e seu neto Rodrigo Eanes, acompanharam o Infante D. Pedro até Alfarrobeira. Todos os haveres desta família foram doados a Fernando Afonso, escudeiro e servidor do rei (Carta régia de 3 de Janeiro de 1451. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, livro 11, fol. 26; *Livro 1 da Beira*, fol. 171v).

²⁵ O castelo de Marvão foi conquistado por D. Sancho de Noronha, quando da campanha por ele dirigida contra o Condestável D. Pedro (Ruy de Pina, *ob. cit.*, cap. CVIII, pp. 395-397; Duarte Nunes de Leão, *ob. cit.*, cap. XX, p. 188; Gaspar Dias de Landim, *ob. cit.*, livro III, cap. XIX, pp. 78-81).

Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Monsaraz	João Gomes de Góis, cavaleiro-fidalgo	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34, fol. 55
Montalegre	Duque de Bragança	O mesmo	D. António Caetano de Sousa, <i>ob. cit.</i> , tomo III, 2.ª parte, doc. 13, pp. 49-54
Montemor-o-Velho	Aires Gomes da Silva, cavaleiro-fidalgo da casa do Infante D. Pedro	Martim Correia, cavaleiro da casa do Infante D. Henrique	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34, fol. 86; <i>Monumenta Henricina</i> , vol. X, Coimbra, 1969, doc. 147, pp. 208-209; Anselmo Braamcamp Freire, <i>ob. cit.</i> , livro II, pp. 48-49
Moura	Nuno Vaz de Castelo Branco, fidalgo, monteiro-mor de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 23, fols. 80 v-81; <i>Livro de Extras</i> , fols. 120-120 v; <i>Livro I de Místicos</i> , fols. 184-184 v; <i>Livro 5 de Odiana</i> , fol. 119
Mourão	João Falcão, cavaleiro da casa do Infante D. Pedro ²⁶	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 24, fol. 17 v e livro 34, fol. 17
Oliveira	Martim Afonso de Melo, cavaleiro-fidalgo da casa do rei ²⁷	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 3 de Místicos</i> , fols. 19 v-20
Ouguela	Rui Gomes da Silva, fidalgo, membro do conselho do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 11, fol. 27 v; Anselmo Braamcamp Freire, <i>ob. cit.</i> , livro II, p. 15
Outeiro de Miranda	Duque de Bragança	O mesmo	D. António Caetano de Sousa, <i>ob. cit.</i> , tomo III, 2.ª parte, doc. 23, pp. 69-70
Penamacor	D. Álvaro de Castro, fidalgo da casa do Infante D. Henrique	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34, fol. 113; <i>Monumenta Henricina</i> , vol. X, Coimbra, 1969, doc. 193, p. 257
Penajóia	Rui Gonçalves Alcoforado, cavaleiro, criado do Conde de Ourém	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 13, fols. 80-80 v e livro 24, fols. 78 v

²⁶ Dependia este castelo da Ordem de Avis (A.N.T.T., *Ordem de Avis*, n.º 704). O seu alcaide, João Falcão, cavaleiro da casa do Infante D. Pedro, aderiu abertamente ao partido do rei.

²⁷ Apesar de sua alcaidaria pertencer a Martim Afonso de Melo, fidalgo leal à causa régia, foi a mesma tomada pelo Condestável D. Pedro. O castelo foi abandonado pelos partidários do filho do ex-regente, quando da campanha levada a efeito pelo Conde de Odemira (Gaspar Dias de Landim, *ob. cit.*, livro III, cap. XIX, pp. 78-79).

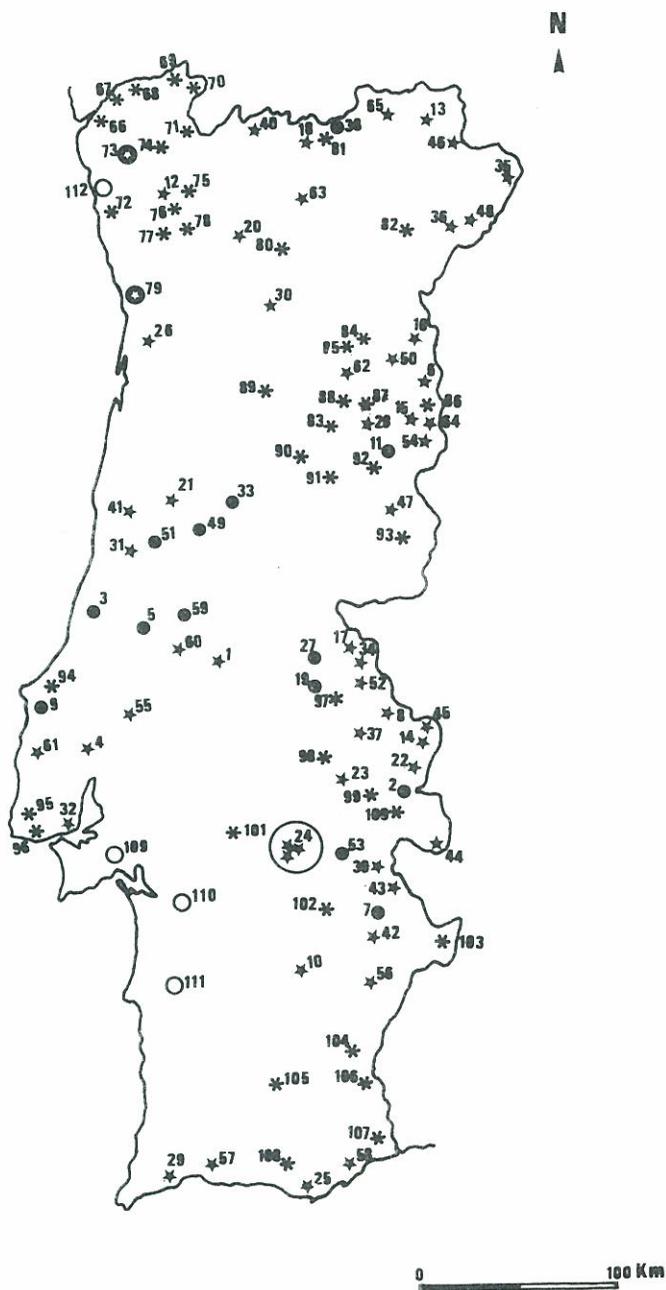
Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Penela	Rui Gomes de Azevedo, cavaleiro-fidalgo do Infante D. Pedro	Diogo Rodrigues, escudeiro do rei	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34, fol. 157
Pinhel	Pero Lourenço Ferreira, cavaleiro-fidalgo da casa do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 2, fol. 107 v e livro 34, fol. 78
Pombal	D. Duarte de Meneses, Conde de Viana ²⁸	O mesmo	Ruy de Pina, <i>ob. cit.</i> , cap. CXVI, pp. 143-144
Portalegre	D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira	O mesmo	A.N.T.T., <i>Livro 3 de Místicos</i> , fols. 260-260 v; Ruy de Pina, <i>ob. cit.</i> , cap. CXXIX, p. 438
Redondo	João de Melo, cavaleiro-fidalgo e copeiro-mor de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 34, fols. 81-81 v
Sabugal	Pero Peixoto, fidalgo da casa do Infante D. Henrique	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 2, fol. 101 v; <i>Monumenta Henricina</i> , vol. VII, Coimbra, 1965, doc. 163, pp. 247-248; A.N.T.T., <i>Ch. de D. Afonso V</i> , livro 12, fol. 23; <i>Livro 1 da Beira</i> , fol. 196 v
Santarém	Rui Borges de Sousa, cavaleiro da casa do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 2, fol. 82 e livro 10, fols. 64-64 v
Serpa	João de Melo, cavaleiro-fidalgo e copeiro-mor de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Ordem de Avis</i> , n.º 704, fol. 3; <i>Ch. de D. Afonso V</i> , livro 34, fol. 81 v
Silves	Henrique Moniz, fidalgo da casa do Infante D. Henrique	O mesmo	A.N.T.T., <i>Maço 4 do Suplemento do Cortes</i> , n.º 42; <i>Ch. de D. Afonso V</i> , livro 36, fol. 65 v
Tavira	Fernão Martins do Carvalhal ou João Fernandes da Arca	João Fernandes da Arca	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 11, fol. 153 v e livro 27, fol. 1 v
Tomar	Díogo da Cunha, Fidalgo da casa do rei ²⁹	O mesmo	Ruy de Pina, <i>ob. cit.</i> , cap. CXVI, p. 412

²⁸ D. Afonso V enviou-o como fronteiro do castelo de Pombal, pouco antes de Alfarrobeira (Ruy de Pina, *ob. cit.*, cap. CXVI, p. 412).

²⁹ Foi igualmente enviado pelo rei nas vésperas de Alfarrobeira como fronteiro do castelo de Tomar (Ruy de Pina, *ob. cit.*, cap. CXVI, p. 412).

Castelos	Do termo da regência até Alfarrobeira	Depois de Alfarrobeira	Fonte
Torres Novas	Lopo de Almeida, fidalgo, vedor da fazenda de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 23, fol. 44 e livro 34, fol. 30
Torres Vedras	Martim Afonso de Miranda, rico-homem do conselho do rei	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 5, fol. 18; <i>Livro 10 de Estremadura</i> , fol. 293 v
Trancoso	Vasco Fernandes Coutinho, Conde de Marialva	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 2, fol. 66; <i>Livro 3 de Místicos</i> , fols. 148-149
Vila Pouca de Aguiar (Aguiar de Pena)	Lopo de Azevedo, cavaleiro-fidalgo da casa do Infante D. Pedro ³⁰	Diogo Lopes de Azevedo, fidalgo e cavaleiro da casa do rei	A.N.T.T., <i>Livro 4 de Além-Douro</i> , fols. 190-191; <i>Monumenta Henricina</i> , vol. X, Coimbra, 1969, doc. 53, pp. 83-86
Vilar Maior	D. Duarte de Meneses, Conde de Viana	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 11, fol. 88 v
Vinhais	Álvaro Gonçalves de Ataíde, governador da casa do Infante D. Pedro e aio de D. Afonso V	O mesmo	A.N.T.T., <i>Chancelaria de D. Afonso V</i> , livro 19, fol. 85 v e livro 34, fols. 168-168 v; <i>Livro 3 de Místicos</i> , fol. 92 v

³⁰ Muito embora este partidário do Infante D. Pedro fosse titular desse castelo transmontano, tudo leva a crer que não possuía qualquer autoridade sobre o mesmo nas vésperas de Alfarrobeira.



- ★ — Alcaidarias dos castelos na regência de D. Pedro
- * — Castelos mencionados no mapa de Oliveira Marques não referidos nas alcaidarias
- — Castelo do Neiva e castelos da Ordem de Santiago
- ⊙ — Castelo inexistente de Ponte de Lima e o de Gaia destruído em 1384
- — Castelos que não constam do mapa de Oliveira Marques

ALCAIDARIAS DOS CASTELOS DURANTE A REGÊNCIA DO INFANTE D. PEDRO

1 — Abrantes	34 — Marvão
2 — <u>Alandroal</u>	35 — Miranda do Douro
3 — <u>Alcobaça</u>	36 — Mogadouro
4 — Alenquer	37 — Monforte
5 — <u>Alfeizerão</u>	38 — <u>Monforte de Rio Livre</u>
6 — Almeida	39 — Monsaraz
7 — <u>Amieira</u>	40 — Montalegre
8 — Arronches	41 — Montemor-o-Velho
9 — <u>Atouguia</u>	42 — Moura
10 — Beja	43 — Mourão
11 — <u>Belmonte</u>	44 — Olivença
12 — Braga	45 — Ouguela
13 — Bragança	46 — Outeiro de Miranda
14 — Campo Maior	47 — Penamacor
15 — Castelo Mendo	48 — Penajoia (Penarroias)
16 — Castelo Rodrigo	49 — <u>Penela</u>
17 — Castelo de Vide	50 — Pinhel
18 — Chaves	51 — <u>Pombal</u>
19 — <u>Crato</u>	52 — Portalegre
20 — Celorico de Basto	53 — <u>Redondo</u>
21 — Coimbra	54 — Sabugal
22 — Elvas	55 — Santarém
23 — Estremoz	56 — Serpa
24 — Évora (3 castelos)	57 — Silves
25 — Faro	58 — Tavira
26 — Feira	59 — <u>Tomar</u>
27 — <u>Flor da Rosa</u>	60 — Torres Novas
28 — Guarda	61 — Torres Vedras
29 — Lagos	62 — Trancoso
30 — Lamego	63 — Vila Pouca de Aguiar (Aguiar de Pena)
31 — Leiria	64 — Vilar Maior
32 — Lisboa	65 — Vinhais
33 — <u>Lousã</u>	

OUTROS CASTELOS QUE CONSTAM DO MAPA DE OLIVEIRA MARQUES

66 — Cerveira	71 — Lindoso
67 — Valença	72 — Faria
68 — Lapela	73 — Ponte de Lima
69 — Melgaço	74 — Nóbrega
70 — Castro Laboreiro	75 — Lanhoso

* Os castelos sublinhados não aparecem no mapa de Oliveira Marques.

76 — Fraião
77 — Vermoim
78 — Guimarães
79 — Gaia
80 — Vila Real
81 — Santo Estevão
82 — Vilarelhos
83 — Gouveia
84 — Marialva
85 — Moreira do Rei
86 — Castelo Bom
87 — Celorico da Beira
88 — Linhares
89 — Viseu
90 — S. Romão
91 — Covilhã
92 — Sortelha

93 — Monsanto
94 — Óbidos
95 — Sintra
96 — Cascais
97 — Alter do Chão
98 — Sousel
99 — Vila Viçosa
100 — Juromenha
101 — Montemor o Novo
102 — Portel
103 — Noudar
104 — Mértola
105 — Almodovar
106 — Alcoutim
107 — Castro Marim
108 — Loulé

CASTELOS QUE NÃO CONSTAM DAS OUTRAS LISTAS

109 — Palmela
110 — Alcácer

111 — Santiago
112 — Neiva